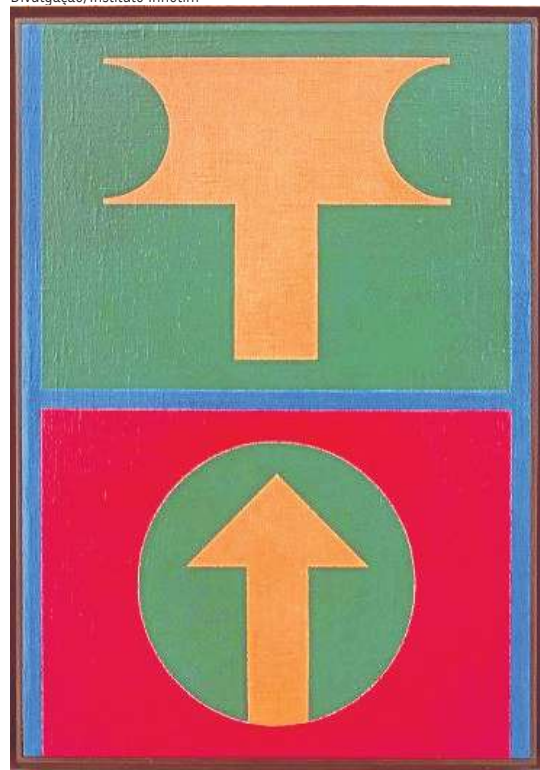




Divulgação/Instituto Inhotim



Rubem Valentim, Emblema 8, 1973

Robert Irwin, Sem Título, 2019, Instituto Inhotim



William Gomes

Turismo de experiência

Lançado em julho de 2022, o Céu de Montanhas é resultado de um trabalho de mapeamento, assessoria técnica e sistematização da oferta de turismo rural e de base comunitária em Brumadinho. De acordo com Daniele Teixeira, analista de Sustentabilidade da Vale e coordenadora do projeto, o catálogo foi pensado para diversificar a oferta da região e facilitar o acesso do turista aos atrativos.

“Essa ação busca aumentar o tempo de permanência do visitante que vai a Brumadinho e fortalecer a contribuição do turismo para a economia local.” No catálogo, é possível conhecer os 28 empreendimentos do projeto, que oferta vivências, gastronomia, design têxtil, artesanato, cerâmica e música.

Todas as vivências do catálogo Céu de Montanhas podem ser acessadas em: www.ceudemontanhas.com.br.

sionais, relevos, objetos, composições e cores, conectando Áfricas, Américas e Europas.

“A trajetória de Rubem Valentim é uma dessas referências emblemáticas que convocam uma revisão, ainda que tardia, e apontam existências negras como protagonistas, como definidoras daquilo que é a arte brasileira”, pontuou Lucas Menezes, co-curador da exposição.

Já na mostra coletiva Direito à forma, estão expostos trabalhos de artistas de variadas temporalidades e formas, como Mestre Didi, Rommulo Vieira Conceição, Sônia Gomes, Ayrson Heráclito, entre outros. “O direito a uma investigação formal é o ponto de partida das obras que ocupam o espaço. Seja em consonância, seja em contraposição, esses trabalhos reposicionam uma discussão sobre a arte de autoria negra, muito relacionada, nos últimos anos, à figuração”, explica Deri Andrade, co-curador da mostra.

A cultura figurativa, segundo Igor Simões, curador convidado das mostras, relaciona-se com a representação do corpo negro, geralmente em situação de precariedade, que limita os espaços de discussão e tenta fixar o que deve ou não fazer um artista negro. “Um artista negro pode produzir aquilo que ele quiser; pode, inclusive, não se interessar em discutir raça; pode, por que não, abstrair”, frisou.

“O que está em jogo nas duas exposições são as inúmeras possibilidades de presença negra no campo da arte, para além de definições que tentam encapsular a produção artística afro-brasileira em um conjunto limitado de manifestações. O que temos são as provas concretas que qualquer tentativa de compreensão da arte brasileira tem de passar pela produção de artistas negros”, completou o curador convidado, em conversa com a imprensa.